

O País, próximo de uma nova crise cambial?

Talvez não seja necessária uma maxi-desvalorização, mas o governo terá de aprovar, o mais rápido possível, novas medidas de apoio aos exportadores, para que o superávit comercial volte a subir para a média de US\$ 1 bilhão mensais, nível necessário para o País continuar pagando seus compromissos externos.

Os últimos números do superávit não chegam a ser animadores. O resultado de outubro (US\$ 210 milhões), se repetido nos próximos 12 meses, geraria um saldo de US\$ 2 bilhões; a mesma projeção, feita com base no trimestre encerrado em outubro, indica um saldo de US\$ 7,6 bilhões.

Os números constam do documento "O Desempenho do Balanço Comercial e a Nova Política Cambial", da Fundação de Comércio Exterior, entidade ligada à Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil. A Funcex associa a "brusca queda do saldo do balanço comercial do patamar de um bilhão de dólares à proximidade de uma crise cambial nos moldes ocorridos no Brasil, após o colapso do sistema financeiro internacional em setembro de 1982".

No mesmo documento, os especialistas observam que a análise do balanço comercial do corrente ano indica uma redução gradativa do seu saldo, provocada pelo aquecimento excessivo da demanda doméstica. E prossegue: esta sinalização foi particularmente feita a partir do mês de junho,

de modo que o retardamento das medidas de correção provocou uma queda das reservas internacionais.

Na avaliação da Funcex, a atual política de minidesvalorizações assegurará uma taxa cruzado-dólar constante em termos reais, mantendo a rentabilidade da atividade exportadora. Defende porém que a este fato, deve ser acrescida a insenção do PIS e a redução adicional de 10% do imposto de renda, dependendo da relação vendas externas/vendas totais.

Também o adiamento do reajuste automático dos salários através da mudança e expurgo do índice de inflação provocará uma redução do salário real médio, favorecendo a relação câmbio-salário.

O documento salienta a importância da redução do consumo interno, com o aumento do excedente exportável, sem o qual não ocorrerá melhor desempenho das vendas externas.

— As medidas adotadas — prossegue — não garantem necessariamente um aumento da poupança, pois isto depende da composição do dispêndio desejado pelos indivíduos. Nesta situação, estamos assumindo um risco elevado, pois as expectativas de crise cambial não permitem um fracasso na política de redução do dispêndio.

A fórmula apresentada pelo Funcex para a recomposição da balança comercial não passa pela redução das importações:

"Estas são importantes para atender os problemas setoriais de abastecimento, ampliação da capacidade produtiva e renovação do parque industrial sem o quais o Plano Cruzado estará fadado ao fracasso. Resta, portanto, como única alternativa, a geração de um nível adequado de excedente exportável através do manejo eficiente da política de demanda agregada".

Perda de Receita

Em outubro, os produtos básicos exportados sofreram um recuo de 45,59% em relação ao mesmo mês de 1985, com uma receita de 369 milhões de dólares. Segundo estudo da Funcex, contribuíram para este resultado o desempenho do café, com menos 53,49%, do farelo de soja, com menos 79,83% e do minério de ferro, com menos 69,81%.

A comercialização do café tem ficado abaixo do esperado e as últimas estimativas indicam que a receita com o produto, prevista em US\$ 4 bilhões não chegará a 2,4 bilhões, este ano.

No que se refere aos produtos industrializados foi fator decisivo, de acordo com a mesma análise, a perspectiva de uma mudança substancial na taxa de câmbio "que fez com que muitos exportadores adiassem seus embarques, provocando, neste setor, uma redução de 42,83% ou o correspondente a 714 milhões de dólares".